



**VATICANO II, 50 ANOS + 10, O CAMINHO DA RECEPÇÃO**  
**VATICANO II, 50 ANNI + 10, IL PERCORSO DELLA RICEZIONE**

*Riccardo Burigana\**

*Luiz Carlos Luz Marques\*\**

O 60º aniversário da abertura do Concílio Vaticano II, em 2022, representa uma etapa importante no processo de historicização e avaliação da sua recepção. Para além das iniciativas, mesmo de natureza puramente confessional, que quiseram comemorar este aniversário, é evidente que existem elementos que o configuram de uma forma radicalmente diferente das de aniversários anteriores, especialmente daquele celebrado há apenas dez anos, quando o 50º aniversário da abertura do Concílio Vaticano II foi solenemente comemorado, em muitos lugares, de formas muito diferentes, unidos pelo desejo de realçar a importância do Concílio Vaticano II para a história do século XX, muito para além dos limites do cristianismo.

Naquela ocasião, na Igreja Católica, o Papa Bento XVI decidiu que o dia 11 de outubro de 2012 deveria marcar o início de um ano dedicado à fé. O fato de que este ano da fé tenha sido celebrado associando o 50º aniversário da abertura do Vaticano II ao 20º aniversário da publicação do Catecismo Universal foi, por si só, uma indicação clara da leitura que Papa Bento queria que fosse oferecida, não só do Concílio, mas também da sua recepção, mesmo que a celebração do aniversário tenha então

---

\* Dottore in Storia. Docente di ecumenismo presso la Facoltà Teologica dell'Italia Centrale di Firenze, dove è il coordinatore della Scuola di Alta Formazione in Ecumenismo. Direttore del Centro Studi per l'Ecumenismo in Italia. E-mail: [direttore@centroecumenismo.it](mailto:direttore@centroecumenismo.it).

\*\* Dottore in Storia Religiosa. Docente del Programma di Scienze della Religione, all'Università Cattolica di Pernambuco. E-mail: [luiz.marques@unicap.br](mailto:luiz.marques@unicap.br).



tomado uma direção muito diferente da pretendida, especialmente após a renúncia de Bento XVI e a eleição do Papa Francisco. A revisão das iniciativas, desde conferências internacionais, às publicações, projetos editoriais, peregrinações e cerimônias religiosas, para o 50º aniversário, ajuda a compreender, em qualquer caso, o quanto sobre o Vaticano II, bem como sobre as reconstruções histórico-teológicas globais e parciais, por vezes circunscritas a uma única passagem, ainda houvesse um contraste que nascia, em muitos aspectos, da própria celebração do próprio Concílio.

Nestes dez anos, o mundo atravessou uma época, caracterizada por certos acontecimentos que perturbaram os seus ritmos e perspectivas, reapresentando questões, que se haviam tornado antigas, como a de uma reformulação radical da relação com a criação, também à luz das mudanças climáticas objetivas em curso, apenas para dar um exemplo; Ao mesmo tempo, novos desafios se abriram, determinados, em grande medida, pelo surto pandémico e suas consequências económicas e sociais, que começaram a delinear cenários, tão pobres em esperança, tanto mais que a invasão russa da Ucrânia, em fevereiro de 2022, mostrou a fragilidade dos processos económicos, bem como a impossibilidade de travar o crescimento numérico de guerras que já não são simplesmente locais, mas universais no seu valor. Face a estas mudanças, ainda em curso, com tantas incógnitas, mesmo para o futuro imediato, houve uma nova aceleração no campo digital, não para todos, com velocidades diferentes, dentro de cada país, a ponto de definir novas perspectivas no ensino e na investigação, mesmo para os campos do conhecimento humanista, que tiveram de lidar com um mundo que corria a uma velocidade dupla, partindo de uma identidade, consolidada ao longo das décadas, com uma metodologia científica, se não partilhada, reconhecida como o critério para distinguir a investigação da ideologia.

O Concílio Vaticano II, isto é, o estudo e interpretação do Concílio, foi investido, mas não esmagado, por este mundo que se pôs a correr. Papa Francisco, o primeiro pontífice que não esteve fisicamente presente em Roma, nos dias do Vaticano II, tornou-se o porta-voz de uma original leitura diária do legado do Vaticano II, a partir dos documentos, mas sem ficar preso por estes documentos. Papa Bergoglio mostrou a vitalidade e atualidade do Vaticano II em muitas das suas intervenções, muito para além das citações nos seus textos. Este processo de releitura e, para muitos, de

descoberta do Vaticano II, a ser vivido e conhecido, assim como estudado e comentado, começou a trazer uma compreensão diferente do Concílio, enquanto o número de fontes disponibilizadas à comunidade acadêmica, também num formato digital que facilita a consulta, tornou-se crescente. É um entendimento diferente, ao qual a nova forma de aceder às fontes do Vaticano II e à sua recepção não é certamente alheia; este entendimento deve muito, se não tudo, às escolhas do pontificado Bergogliano, que desvendaram o universo do Vaticano II com todas as suas riquezas e questões problemáticas que se alimentam, recaem e ressoam nas palavras e gestos de Francisco.

É precisamente na perspectiva de um entendimento diferente do Vaticano II, também à luz dos quase dez anos do atual pontificado, que foi concebida a edição de "Paralellus", com a qual desejamos oferecer uma contribuição não só à vasta e variada bibliografia sobre e do Concílio, mas também a um repensar mais articulado, tanto quanto necessário, dos estudos nas Ciências da Religião. Face aos desafios da sociedade contemporânea, a busca de um patrimônio comum de religiões constitui um campo de investigação fascinante. Este campo de investigação, no qual se situa também a presente edição de "Paralellus", deve ter em conta o que já foi escrito durante décadas sobre este aspecto, especialmente no campo da construção de caminhos de reconciliação e paz, explorando, no entanto, o quanto as religiões devem tornar-se portadoras de harmonia no mundo e para o mundo, na recusa de qualquer justificação de violência, deixando assim para trás a lógica que foi partilhada por muitos no passado e por muitos, ainda o é, no presente.

Precisamente na perspectiva de se afastar de uma lógica que justifica a intolerância e a discriminação em nome de um Deus, reler o Vaticano II e a sua recepção representa uma tentativa de apreender o significado de certas categorias na sociedade contemporânea. De fato, abordar a categoria da reforma da Igreja, tão presente no Vaticano II como no Papa Bergoglio, significa questionar-se, muito antes de se aprofundar em aspectos do Concílio e do presente pontificado, sobre como na história da Igreja esta categoria foi declinada, mesmo quando se quis dar-lhe um significado negativo, a fim de reafirmar a alteridade profunda em relação ao património teológico-espiritual da Reforma do século XVI.

As contribuições, aqui propostas, não pretendem portanto ser uma apresentação sistemática nem exaustiva da pluralidade de caminhos percorridos e a percorrer para uma redefinição da relação entre o cristianismo em si mesmo, em diálogo com outras religiões e em relação à sociedade contemporânea, mas uma consciência, tão necessária como sempre, de que a reconstrução da memória histórico-teológica, numa perspectiva científica, deve ser central para este caminho de redefinição que abre horizontes inesperados para a construção de uma sociedade que não seja simplesmente inclusiva. O conhecimento de como, ao longo dos séculos, o universo das religiões se confrontou no mundo e com o mundo, assumindo uma multiplicidade de posições, levou-nos a apreender um dinamismo que, de uma forma não linear, conduziu a uma época, a atual, em que a dimensão religiosa deve ser explorada e experimentada precisamente para reafirmar valores comuns.

No universo das religiões, apesar da massa sempre crescente de estudos e fontes, as vicissitudes histórico-teológicas do cristianismo ainda parecem ser um campo não só a ser explorado, mas também a ser reconstruído, numa tentativa de combinar experiências locais com uma perspectiva universal. Estes são acontecimentos que, também à luz dos mais recentes passos de diálogo e confronto nas Igrejas e entre as Igrejas, devem ser sujeitos não a uma releitura, mas a uma profunda re-compreensão numa chave ecumênica, isto é, capaz de nos fazer compreender como estes acontecimentos, tão frequentemente presentes na sociedade contemporânea, mesmo que com séculos de diferença, sofreram leituras interpretativas que distorceram o seu conteúdo e contornos, fazendo-os perder o seu valor espiritual e social. Portanto, não se deve simplesmente chegar a uma reconstrução, historicamente fundada, mas sim promover um conhecimento dos acontecimentos do cristianismo à medida que se vão desenrolando e tal como têm sido relatados durante séculos, de modo a contribuir concretamente para a reconciliação das memórias, que é o primeiro passo para a eliminação da violência, a fim de construir a paz. Sobre a necessidade de proceder a uma história ecumênica do cristianismo, a revista "Paralellus" questiona-se, especialmente desde a comemoração dos 500 anos do início da Reforma, quando este tema se tornou central na definição de projetos de investigação e cursos de formação, com os quais se pretende encorajar um maior aprofundamento do valor social do estudo das ciências da religião.

Na medida em que o 1700º aniversário do Concílio de Nicéia (325-2025) se aproxima cada vez mais, com as muitas questões abordadas naquele Concílio, em muitos casos ainda muito relevantes para homens e mulheres do século XXI, pretendemos, dando um passeio científico pelas memórias da história, como tentamos fazer neste número de “Paralellus”, o desafio de propor contribuições sobre números, temas e documentos do cristianismo, em diferentes lugares e épocas, desde Veneza do século XIX ao diálogo ecumênico católico-ortodoxo do século XX e às relações islâmico-cristãs na Europa, responde ao desejo de encorajar uma renovada compreensão do passado, aprendendo com a memória histórica, mais ou menos recente, como viver o presente e planejar o futuro ao acolher o outro.